

# CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

## Pesca de lagosta é problema no Sul

O litoral Sul do Espírito Santo continua em pé de guerra depois que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) resolveu fazer valer a proibição do uso de redes de arrasto para a pesca da lagosta, cuja lei existe desde os idos de 2002 mas nunca foi colocada em prática por motivos não muito bem explicados.

Há algum tempo o Ibama está exigindo a troca das tradicionais redes conhecidas como “cachoeiras” pelas armadilhas denominadas “covos” que são usadas para este tipo de pesca no litoral Norte do País e daí se originou o impasse.

A exigência pegou os pescadores capixabas de surpresa e quando as primeiras “cachoeiras” foram apreendidas eclodiu uma revolta entre eles que não concordam com a tal proibição, decidida à revelia da categoria, sem nenhum entendimento prévio para a difícil e incômoda substituição.

Difícil porque segundo os pescadores as correntes marítimas de nosso litoral não permitem a pesca com as armadilhas usadas no Norte e Nordeste onde a captura das lagostas é mais intensa, realizada com embarcações de grande porte e dentro de uma realidade bem diferente da nossa.

Aqui os “covos” seriam arrastados pela correnteza tornando impraticável esta atividade que é a principal base econômica da pesca artesanal em grande parte da região costeira do Espírito Santo.

E o resultado não se fez esperar: como foi divulgado pela mídia, os pescadores da localidade de Pontal, no município de Itapemirim promoveram diversos movimentos de protesto.

Eles interromperam o tráfego de veículos na ponte sobre o rio Itapemirim, inclusive com a queima de barcos, passeatas e muito tumultos pelas praias do Sul, sendo que por pouco não agrediram fisicamente fiscais do Ibama e agentes da Polícia Ambiental que há algum tempo apreenderam quase mil metros de redes no local.

O assunto já foi amplamente discutido pelas partes, ou seja pescadores de lagosta e Ibama, à procura de uma solução viável e adequada para o problema que envolve milhares de profissionais dedicados a este tipo de ocupação cada vez mais difícil mesmo sem as exigências do governo em nome “da defesa do meio ambiente e equilíbrio ecológico visando proteger a fauna marinha do País”.

Bem, pode ser até que esta preocupação seja real e necessária. O Ibama alega que as redes de

arrasto destroem os corais e as algas marinhas além de exterminar outras espécies de peixes miúdos capturados com o ato de retirar as “cachoeiras” do mar.

Por outro lado os pescadores se defendem afirmando que este tipo de rede não é de arrasto e é recolhida de maneira vertical sem nenhum prejuízo para as outras espécies de pescado.

Enquanto o impasse não é resolvido a confusão continua e as lagostas se tornaram iguarias cada vez mais raras (e caras) no cardápio dos restaurantes do nosso litoral.

A propósito do assunto não custa nada lembrar que a partir de hoje até o

final do mês de novembro a pesca do caranguejo está proibida nos mangues do litoral capixaba.

Trata-se da época do “defeso” (reprodução dos crustáceos) que ocorre sempre nesta época do ano. Agora caranguejo no Espírito Santo só importado de mangues distantes.

Caso alguém ofereça o produto, fique atento, pois possivelmente é fruto de crime, e como todo crime, não se deve aceitar como se fosse coisa mais normal do mundo.



**Os pescadores afirmam que o tipo de rede que usam na pesca da lagosta não é de arrasto e é recolhida de maneira vertical**